

TOTEMISMO E AS METÁFORAS ANIMAIS

TOTEMISM AND THE ANIMAL METAPHORS

Fernanda Carneiro Cavalcanti*

RESUMO

O trabalho visa discutir a relação entre léxico, cultura e processo de categorização dos animais, isto é, as metáforas animais, à luz dos postulados da Semântica Cognitiva, especialmente Kövecses (2005; 2010); Lakoff (1987) e Lakoff e Turner (1989). Dessa forma, ele se encontra organizado em dois eixos. De um lado, aborda-se a categorização de animal segundo dois tipos de modelos culturais, a Grande Cadeia do Ser e o conjunto de crenças e valores atribuídos, até onde se sabe, às sociedades totêmicas. De outro lado, discute-se a relação entre os significados das expressões linguísticas motivados por metáforas animais, a exemplo das expressões de animais usadas para se referir à mulher e da expressão convencional 'cabra', usada, sobretudo, no Nordeste do Brasil para se referir a homem.

PALAVRAS-CHAVE

Totemismo; metáfora animal; a grande cadeia do ser; cabra; pareamento forma e significado.

ABSTRACT

This work goal is to discuss the relationship between lexicon, culture and animal categorization, that is, animal metaphors in light of Cognitive Semantics principles, especially Kövecses (2005; 2010); Lakoff (1987) and Lakoff and Turner (1989). The discussion is thus, organized in two directions. On one hand, we discuss animal categorization based on two kinds of culture models, The Great Chain of Being, and, as far as it is known, a set of beliefs and values of totemic societies. On the other hand, we discuss the relationship between the meaning of linguistic expressions motivated by animal metaphors such as, the animal expressions used to refer to women and the conventional expression 'cabra' (goat), mostly used in the Northeast of Brazil to refer to men.

KEYWORDS

Totemism; animal metaphor; the great chain of being; *cabra*; link between form and meaning.

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: cavalcanti7fernanda@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a relação entre léxico, cultura e cognição com base nos postulados da Semântica Cognitiva, especialmente a influência de modelos culturais na categorização de animal, e a sua relação com a estruturação dos significados de expressões linguísticas correlatas. Em linhas gerais, a Semântica Cognitiva advoga a favor da não dicotomia entre Pragmática e Semântica, isto é, que o conhecimento linguístico e o conhecimento de mundo, ou ainda extra-linguístico, se encontrariam em uma relação de *continuum*.

Dessa forma, o conhecimento linguístico se constituiria em um sistema simbólico relacionado com as nossas demais capacidades cognitivas. Estaria relacionado, especialmente, com um sistema conceptual baseado em um modelo categorial majoritariamente aberto, dinâmico e organizado em relação de semelhança de família, cujo centro prototípico se deslocaria em função do contexto de uso. Tal modelo categorial seria de base corpórea, isto é, seria motivado e se estruturaria a partir da interação entre o aparato sensório-motor humano e o meio físico e socioculturalmente situado.

Assim, postula-se que a estrutura conceptual, resultante da experiência corpórea humana e compreendida com base nos modelos categoriais supracitados, licenciaria os significados das formas linguísticas (palavras ou sentenças). Dessa forma, os significados de uma dada língua estariam sempre em construção, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, muito embora se encontrem convencionalizados e estabilizados devido à força do uso e do conjunto de valores e de crenças de uma dada comunidade de fala,

Em outras palavras, de acordo com Lakoff (1987), o significado não seria uma coisa, não estando, portanto, em relação de espelhamento da ordem externa. Ao contrário, ainda para o mesmo autor, o significado envolveria o que seria significativo para nós, isto é, não seria significativo em si mesmo, tendo em vista que o processo de significação derivaria das experiências vividas em termos de funcionamento do dado tipo de ser que somos nós, em um dado ambiente físico e socioculturalmente situado. Assim, os processos semânticos seriam igualmente de natureza conceptual, tendo em vista que estariam sujeitos a processos categoriais dinâmicos, situados e assimétricos, de natureza majoritariamente polissêmica.

Nesse sentido, Silva (2006) afirma que:

[...][T]oda a linguagem é acerca do significado e que o significado é *perspectivista* (não reflecte objectivamente o mundo, mas modela-o, constrói-o de determinada maneira ou perspectiva e, assim, de muitas perspectivas diferentes), *enciclopédico* (intimamente associado ao conhecimento do mundo e, por isso mesmo, não autónomo nem separado de outras capacidades cognitivas), *flexível* (dinâmico e adaptável às mudanças inevitáveis do nosso mundo e das nossas circunstâncias) e baseado na experiência e no uso (na nossa experiência individual corpórea ou biológica e na nossa experiência colectiva, social e cultural e, sempre, na experiência do uso actual da língua). (SILVA, 2006, p. 7).

À luz desses postulados, organizamos a discussão desse artigo em dois eixos. De um lado, abordamos a categorização de animal segundo dois tipos de modelos culturais, a Grande Cadeia do Ser e o conjunto de crenças e valores atribuídos, até onde se sabe, às sociedades totêmicas. De outro lado, discutimos a relação entre os significados das expressões linguísticas motivados por metáforas animais, a exemplo de expressões de animais usadas para se referir à mulher e da expressão convencional “cabra”, usada, sobretudo, no Nordeste do Brasil, para se referir a homem.

2 O MODELO DE A GRANDE CADEIA DO SER

Para Lakoff e Turner (1989), a visão de modelo, ou de esquema mental, está associada tanto à de modelos cognitivos idealizados, quando se faz necessário destacar a sua natureza mais individual, quanto à de modelo cultural, quando se faz necessário realçar a sua natureza compartilhada relativa a crenças e valores de um dado agrupamento social.

Nessa perspectiva, para os autores, A Grande Cadeia do Ser¹ seria um modelo cultural dos mais abstratos, tendo em vista que ele motivaria nossa compreensão e ordenamento dos seres no universo em diferentes temporalidades e espacialidades. Tal modelo estaria presente em formas de pensar atuais e remontariam, igualmente, aos tempos bíblicos, além de organizar valores e crenças de diversas sociedades como a da Grécia antiga e a dos Estados Unidos da América, na contemporaneidade.

Dessa forma, tal modelo organizaria, de forma hierarquizada, ou ainda em níveis superiores e inferiores, os tipos de seres existentes na natureza com base em determinadas propriedades e comportamentos a eles atribuídos. Ou seja, nós, seres humano, por exemplo, seríamos compreendidos como ocupando o topo da escala porque a nós, atribuiríamos propriedades e comportamentos superiores, tais como a racionalidade, o senso estético e moral.

Dito ainda de outra forma, nós nos encontraríamos conceptualizados como seres superiores a seres cujos atributos e comportamentos são entendidos como instintivos, a exemplo dos animais, ou puramente biológicos, a exemplo das plantas; a seres², cujos atributos são entendidos como estruturais e o comportamento como funcional, a exemplo dos objetos complexos, além dos seres cujos atributos são entendidos como físicos e naturais, a exemplo de objetos simples e dos minerais.

É importante destacar que Lakoff e Turner (1989) reconhecem dois tipos de modelos de A Grande Cadeia do Ser: o básico, que contempla os níveis relacionados com o ser humano, os animais, as plantas, os objetos complexos e as coisas físicas; e o extenso, que contempla, além dos cinco níveis anteriormente citados, o nível do cosmos, que é, por sua vez, compreendido como superior ao nível do ser humano.

¹ Lakoff e Turner (1989) partiram dos estudos de Lovejoy (1960 [1936]) sobre o modelo da Grande Cadeia do Ser.

² Observa-se a respeito dessa expressão que, a despeito de seu sentido prototípico se referir a algo dotado de vida, adota-se, nesse artigo, o uso feito por Lakoff e Turner (1989) da expressão “being” cujo significado abrange coisas animadas e inanimadas.

Doravante, trataremos particularmente do modelo básico de A Grande Cadeia do Ser, tendo em vista que para o escopo de nossa investigação não interessa abordar a relação entre ser humano e cosmos.

Em suma, com base no modelo de A Grande Cadeia do Ser, nós ordenaríamos os seres no universo de maneira que o ser humano seja superior aos animais; os animais superiores às plantas; e as plantas superiores aos objetos complexos; e, os objetos complexos superiores às coisas físicas. Os autores ainda advertem que os cinco níveis acima seriam constituídos por subníveis superiores e inferiores.

Dessa forma, estimaríamos, por exemplo, que os cachorros seriam superiores aos insetos. Ao inseto, por exemplo, atribuiríamos todas as propriedades dos seres que se encontrariam em nível abaixo ao seu, além da propriedade de ser animado, isto é, de ser vivo. O cachorro teria todas as propriedades do inseto, acrescido de vida interior como, desejos, emoções e habilidades cognitivas restritas.

Tem-se, ainda, por exemplo, a visão de que uma pedra seria mera substância e uma cadeira, além de ser entendida como mera substância, seria compreendida como dotada de estrutura funcional parte e todo, isto é, assento, espaldar e pernas que servem para determinada função.

Em outras palavras, a classificação de um ser em um dado nível do modelo cultural de A Grande Cadeia do Ser dependeria diretamente de sua propriedade de superioridade. Os atributos que definiriam seres de um dado nível superior se embasariam em critérios que vão além dos atributos e comportamentos apresentados pelos seres escalonados nos níveis inferiores. Portanto, para além do critério de (i) adicionalidade, isto é, 'mais x', os demais critérios que norteariam a construção mental de tal modelo seriam os seguintes, (ii) de complexidade; (iii) de mais poder, já que um ser de um nível superior teria ascendência sobre os seres dos níveis inferiores; e de (iv) atributos distintivos, que seriam geralmente menos acessíveis à nossa percepção e à nossa compreensão.

Lakoff e Turner (1989) avaliam que, na condição de modelo de caráter esquemático, usado de forma inconsciente por membros de boa parte das culturas humanas, A Grande Cadeia do Ser teria provocado profundas consequências sociais e políticas. Sua organização não estaria pautada apenas na dimensão das propriedades e comportamentos atribuídos por nós, aos seres no mundo. Estaria pautada, sobretudo, no caráter de superioridade que atribuímos a determinados seres em relação a outros e, conseqüentemente, na dominação de seres inferiores por seres superiores.

Nessa perspectiva, acreditamos que, nas organizações sociais humanas, os homens nobres seriam superiores aos camponeses assim como os homens seriam superiores às mulheres; os adultos às crianças; e os mestres aos escravos. Dessa forma, o modelo não indicaria apenas como o mundo é, mas, sobretudo, como o mundo deve ser. Assim, seria considerado equivocado tentar subverter tal estado de coisas, não nos sendo facultada a possibilidade de questionar, por exemplo, a visão de que o homem siga Deus e de que a mulher siga o homem.

A título de exemplo, os autores mencionam a passagem do livro do Gênesis (1: 26), na qual consta que Deus teria criado o ser humano para que ele “domine os peixes no mar, as aves no ar, os rebanhos, todas as coisas na Terra e todos os répteis que rastejam”. Tomam ainda como exemplo da presença de tal modelo no mundo clássico, passagens de Tucídides, no livro 5, capítulo 105, de acordo com a qual os atenienses teriam justificado a submissão dos melianos em razão de eles, por não serem gregos, serem um povo fraco. Além disso, os autores localizam o funcionamento do modelo em questão no momento em que, ao alargarem suas fronteiras no século XIX, os EUA declararem que “a América tinha como missão expandir as suas fronteiras em detrimento dos países mais fracos”.

Em síntese, embora remonte aos tempos bíblicos e tenha sido, pretensamente, considerada anacrônica em relação à visão de mundo que emergiu após a Revolução Industrial, para Lakoff e Turner (1989), A Grande Cadeia do Ser seria um tipo de modelo cultural com o qual boa parte das sociedades atuais opera. Com isso, estabelecem relação de dominação e de desqualificação de determinados tipos de seres humanos, de animais e dos demais seres que não são humanos. Dessa forma, para ambos os autores, tal modelo seria essencial para entender a cosmologia do homem comum moderno das culturas ocidentais e demais culturas atuais.

O modelo estruturaria ainda Metáforas Conceptuais (MC) com base nas quais pessoas são compreendidas em termos não humanos e vice-versa. Ou seja, tendo em vista que A Grande Cadeia do Ser estabelece domínios de conhecimentos relativos à organização dos seres no mundo, processos metafóricos mapeariam os domínios humanos em termos dos domínios não humanos e vice-versa.

Nesse sentido, Kövecses (2010) afirma que o domínio conceptual animal é extremamente produtivo para a conceptualização de ser humano. Segundo dados coletados pelo autor junto a dicionários e a pesquisas realizadas por estudiosos da metáfora, os seres humanos e seus respectivos comportamentos são frequentemente compreendidos em termos de propriedades e comportamentos atribuídos aos animais.

Kövecses (2010) pondera, no entanto, que, apesar de grande parte das metáforas animais parecer mapear características negativas do comportamento dos seres humanos motivadas por esquemas culturais como de A GRANDE CADEIA DO SER, algumas delas não o fariam, a exemplo de MULHER SEXY É GATINHA. Por essa razão, para o autor em questão, existiriam, em nosso sistema conceptual, metáforas animais de nível genérico, a exemplo de SER HUMANO É ANIMAL, COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL e PARTE DO CORPOR HUMANO É PARTE DO CORPO ANIMAL; e metáforas de nível específico, a exemplo de PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS e COMPORTAMENTO INDESEJÁVEL É COMPORTAMENTO ANIMAL.

Kövecses (2005) estima ainda que processos antropológicos antigos, como o totemismo, sugerem que as metáforas animais teriam sido recursos cognitivos usados por sociedades humanas primevas. Daí a relevância, para o autor, de se investigar

processos dessa natureza. Tudo leva a crer que tais processos remontam a esquemas culturais anteriores ao de A Grande Cadeia do Ser.

Tais ponderações norteiam a discussão que ensejamos aqui, tendo em vista que a partir dela, nos perguntamos sobre a relação entre o sistema de crenças e de valores de um dado agrupamento social e as metáforas animais aí produzidas.

Nesses termos, discutimos: por um lado, a relação entre o esquema cultural de A Grande Cadeia do Ser e o forte pendor pejorativo observado na metáfora SER HUMANO É ANIMAL, a exemplo da conceptualização de cabra em termos de homem que, por sua vez, licencia a expressão correlata usada, sobretudo no Nordeste do Brasil, além da conceptualização de mulher em termos de animal, observada em comunidade de falantes de espanhol e de inglês; por outro lado, abordamos a relação das sociedades totêmicas com os animais, cujo modelo cultural seria, ao que parece, diferente do modelo de A Grande Cadeia do Ser e a conceptualização de homem em termos de animal não apresentaria tal pendor.

Vale a ressalva no sentido de que, embora a expressão convencional ‘cabra’ seja polissêmica, reunimos, conforme será abordado em seguida, algumas evidências de natureza sociocultural que motivam de forma bem mais importante a conceptualização pouco meritória de cabra em termos de homem. Tal fato, a nosso ver, corrobora com a visão de que sociedades, como a do Nordeste do Brasil, operam com o modelo de A Grande Cadeia do Ser a partir do qual são mapeadas as propriedades e comportamentos humanos em termos de propriedades e comportamentos animais entendidos, sobretudo, como inferiores.

3 TOTEMISMO

De acordo com autores como Freud (2013) e Durkheim (1902), nas sociedades totêmicas, o totem era majoritariamente representado por animais, que eram, por seu turno, categorizados como os antepassados dos membros dessas sociedades. Ou seja, acreditava-se, nessas sociedades, que todos os seus membros descenderiam desses animais totêmicos. Tal crença teria sido tão vigorosa que, ainda segundo tais autores, a partir dela se teria proibido caçar e/ou comer da carne dos animais totêmicos.

Antes de abordarmos tal assunto, é preciso assinalar que, inicialmente, para Durkheim: “O totemismo se reduziria a informações fragmentárias, espaçadas, baseadas em sociedades muito diferentes [...]. Jamais foi observado de forma direta um sistema totêmico em sua unidade e integralidade.” (DURKHEIM, 1902, p.82).

No entanto, logo em seguida, o autor pondera acerca da importância dos dados levantados por pesquisa realizada por Spencer e Gillen³ junto a tribos da Austrália que adotariam, em pleno século XIX, o sistema religioso totêmico. Embora se apóie, sobretudo, nas interpretações feitas por Frazer⁴ a partir do estudo de Spencer e Gillen, Durkheim (1902) acredita que essas sociedades mais atuais, a exemplo da nação dos

³ SPENCER, B; GILLEN, F.J. *The native tribes of central australia*. Londres, 1899.

⁴ FRAZER, J.G. *Totemism and exogamy*. Londres, 1910.

Aruntas, teriam passado por modificações em relação aos sistemas adotados por sociedades totêmicas mais primevas como, por exemplo, teriam introduzido o interdito de caçar e/ou comer a carne dos animais totêmicos.

Freud (2013) se apoia igualmente tanto nos dados levantados por Spencer e Gillen como nas interpretações que Frazer faz desses dados. No entanto, concorda igualmente com a avaliação proposta por Durkheim (1902), ao afirmar que: “O totemismo, ao contrário, é uma instituição sociorreligiosa alheia à nossa sensibilidade atual, [...] e que mesmo naqueles povos que ainda hoje o adotam foi obrigada a sofrer grandes transformações.” (FREUD, 2013, p.32).

Ou ainda que: [...] hoje encontramos o totemismo nos povos que ainda o apresentam, nos mais variados estágios de dissolução, de desintegração, de transição para outras instituições sociais e religiosas, ou então em configurações estacionárias que podem ter se afastado bastante de sua essência original. (FREUD, 2013, p.40).

Contudo, embora tais autores ponderem sobre o que se sabe, na atualidade, acerca das sociedades totêmicas em sua totalidade, tanto para um como para outro, essas sociedades teriam representado papel importante na construção do homem moderno. Isso porque o totem, ainda que uma instituição de natureza sociorreligiosa remota e “alheia à nossa sensibilidade atual”, se constituiu em dispositivo por meio do qual essas sociedades estabeleceram seus interditos e suas leis, criando assim instituições basilares das sociedades contemporâneas.

Se para Freud (2013), a importância das sociedades totêmicas se dá, sobretudo, no âmbito psíquico, já que tais sociedades, na condição de produto da institucionalização do casamento exogâmico, teriam reprimido os seus instintos sexuais por meio de suas leis e interditos; para Durkheim (1902), essa importância é de natureza, sobretudo, social, já que, com base em tais interditos e leis, tais sociedades teriam criado um sistema de parentesco, de família, de casamento ou ainda teriam estabelecido as bases da organização social humana.

Embora consideremos relevantes os pontos de vista adotados por ambos os autores, eles não contemplam de forma direta a abordagem assumida aqui nesse trabalho, já que objetivamos estabelecer, assim como foi observado mais acima, a relação entre léxico, cultura e metáforas animais. Nesse sentido, reiterarmos a importância da observação feita, em consonância com os dados da pesquisa acima mencionada, por ambos os autores, de que o totem representava o antepassado da estirpe sob a forma majoritária de um animal; e que o animal representado como totem “pode[ria] ser comestível e inofensivo ou perigoso e temido, mais raramente uma planta ou uma força da natureza (chuva, água) [...]”. (FREUD, 2013, p.38-39). Os dois autores estimam igualmente que o caráter totêmico não adere a um animal ou ser específico, mas a todos os indivíduos da espécie. Tal entendimento seria corroborado pela existência, por exemplo, de festas nas quais todos os membros dos clãs totêmicos representavam ou imitavam os movimentos e particularidades de seu totem em danças cerimoniais.

Freud (2013) acrescenta ainda que os animais totêmicos representavam igualmente o espírito protetor da estirpe ou do clã. Dessa forma, acreditava-se que esses animais, com o apoio de um ajudante que lhes enviava oráculos, protegiam e poupavam os seus filhos, quando do recebimento de mensagens pouco alvissareiras.

De acordo com as observações de ambos os autores, podemos perceber que os animais para tais sociedades não eram categorizados com base em esquemas culturais hierarquizados no qual o ser humano ocuparia o topo da escala, lhes sendo assim superior. Ao contrário, havia a crença de que todos os membros dos clãs seriam descendentes de animais sob a égide dos quais se encontravam. Por essa razão, herdavam características meritórias atribuídas a esses animais que, além de serem cultuadas em danças cerimoniais, eram mapeadas por metáforas animais a exemplo da habilidade desses animais em prever perigo e em proteger seus filhos, por exemplo.

Além disso, o comportamento desses animais teria servido de base para a criação da interdição de caçá-los e de comer de sua carne. Segundo Durkheim (1902), os integrantes das sociedades totêmicas teriam, primeiramente, observado que os animais não caçavam nem comiam os membros de sua própria espécie para, em seguida, adotar tal interdito no seio de suas sociedades.

Em suma, ao que parece, não haveria nessas sociedades, a presença de esquemas culturais aos moldes de A Grande Cadeia do Ser a partir dos quais o ser humano se encontraria no topo da cadeia evolutiva e os animais seriam compreendidos, em sua totalidade, como dotados de características evolutivas menores, como a do instinto.

Poderíamos ainda argumentar, nesse sentido, apoiados em Freud (2013), que tais sociedades operariam com um modelo cultural conhecido como Animismo. Ou seja, ao que parece, os membros das sociedades totêmicas teriam adotado uma concepção de mundo segundo a qual os processos naturais – Natureza e Mundo – seriam causados por um sem-número de seres espirituais, benevolentes ou não. Assim, não apenas animais e plantas seriam animados por esse sem-número de espíritos como também as coisas inanimadas.

Interessante notar a esse respeito que Freud faz a seguinte ponderação:

Um terceiro e talvez mais importante elemento dessa primitiva “filosofia da natureza” nos parece muito menos chamativo porque nós próprios ainda não estamos suficientemente afastados dele, enquanto, porém, limitamos bastante a existência dos espíritos e hoje explicamos os processos naturais pela suposição de forças físicas impessoais. Pois os primitivos acreditam numa “animação” semelhante também no caso dos indivíduos humanos. As pessoas contêm almas que podem abandonar suas habitações e imigrar para outros seres humanos; essas almas são portadoras das atividades espirituais e, até certo grau, são independentes dos “corpos”. (FREUD, 2013, p.127).

Necessário destacar que Freud (2013) sempre esteve em busca de aspectos relativos à psique humana, o que o leva a afirmar, em seguida, que ‘esse terceiro elemento’ seria o pensamento mítico. Como sabemos, e ele próprio afirmará a

posteriori, o pensamento mítico estaria ligado à organização do aparelho psíquico humano sobre o qual ele se debruçaria e investigaria ao longo de toda a sua vida e obra.

Embora tal perspectiva não interesse para este nosso trabalho, dois aspectos nos chamam a atenção nas ponderações de Freud (2013), a despeito da valoração que faz dessas sociedades como menos evoluídas ou menos desenvolvidas do que as atuais. A primeira delas é quanto à relação em termos de modo de pensar que o autor faz entre dois tipos de sociedades temporal e espacialmente longínquas. Obviamente que para Freud (2013), esse modo de pensar comum a duas sociedades tão distintas teria razões diferentes das que nós argumentamos aqui, conforme apontamos mais acima. A outra é relativa à questão do que estava em jogo para as sociedades totêmicas não ser a percepção da semelhança ou não entre as configurações corpóreas e as formas das entidades naturais e de mundo, mas o que as moviam, isto é, os espíritos. Ou seja, que “as atividades espirituais, até certo grau, s[eriam] independentes dos “corpos.” (FREUD, 2013, p. 127).

Nesses termos, podemos afirmar que, de acordo com modelos animistas, não importava, ao que parece, aos membros das sociedades totêmicas organizarem e classificarem, em termos de poder e força, o mundo e a natureza com os quais interagiam com base na percepção das formas apresentadas pelos seres que neles viviam, partindo da condição de superioridade do ser humano. Dito de outra forma, para tais sociedades, importava a classificação e categorização de mundo e de natureza com base nos espíritos que, temporariamente, habitavam nos seres que neles viviam.

Nesse sentido, para alguns autores elencados por Freud (2013), a exemplo do holandês G.A. Wilken⁵ e do alemão W. Wundt⁶, haveria, de acordo com o primeiro, uma relação de origem entre totemismo e a transmigração das almas. Ou seja, o animal que recebia as almas dos mortos se transformava em parente consanguíneo, em ancestral, sendo, assim, venerado. Para Wundt, os animais totêmicos seriam um derivado das metamorfoses animais da alma. Por essa razão, eles seriam representados, majoritariamente, pelos chamados animais anímicos, como os pássaros, as serpentes, as lagartixas e os ratos, isto é, animais que, devido a sua rápida mobilidade e qualidades que provocariam surpresa e receio, se prestavam a ser reconhecidos como portadores de almas que abandonaram os corpos.

Em suma, tal concepção de mundo não se coaduna com concepções estruturadas a partir de modelos como de A Grande Cadeia do Ser. Isso porque para este modelo, diferentemente daquele, o que importa é a classificação das formas percebidas como semelhantes ou não e a sua relação de superioridade. Para modelos como o Animismo, no entanto, se poderia até supor que houvesse relação de superioridade entre o sem número de espíritos. Contudo, seria difícil supor que houvesse tal relação em relação aos seus corpos e a suas formas transitórias.

⁵ WILKEN, G.A. Het animismebij de volken van den indischenarchipel. In: *IndGids*, v.6, p.925, 1884.

⁶ WUNDT, W. *Elemente der völkerpsychologie*. Leipzig, 1912.

Por outro, lado, seria plausível pleitear que as sociedades modernas atuais possam operar com esses dois tipos de modelos culturais divergentes, conforme apontam as reflexões de Freud (2013). Contudo, como ponderamos até o momento e veremos em seguida, com base em dados de pesquisas realizadas acerca da relação entre léxico, metáfora animal e motivações socioculturais, o esquema cultural de A Grande Cadeia se constitui como o hegemônico, sobretudo nas sociedades modernas ocidentais.

4 O LÉXICO E AS METÁFORAS ANIMAIS

De acordo com os postulados da Semântica Cognitiva, as metáforas teriam importante papel nos processos de categorização humana por mapearem domínios conceptuais distintos, especialmente no estabelecimento de correspondências entre domínios conceptuais mais concretos e os mais abstratos.

Conforme acima mencionado, para autores como Kövecses (2010), as metáforas animais seriam procedimentos categoriais extremamente relevantes e produtivos nas diversas sociedades até então pesquisadas. Nessa perspectiva, discutimos, nessa seção, as motivações culturais na estruturação das metáforas animais e a sua relação com o licenciamento dos significados no âmbito do léxico.

Os primeiros dados que abordamos se encontram analisados por Rodriguez (2009) em pesquisa por ela realizada com falantes de língua inglesa e espanhola. Com base em tal pesquisa, a autora identifica, em ambas as comunidades de fala, importante conceptualização, com forte pendor negativo, de mulher em termos de animal.

Assim, Rodriguez (2009) avalia que as metáforas animais teriam papel importante na construção da identidade feminina. Ou seja, de acordo com os dados por ela levantados, a conceptualização de mulher em termos de animal relacionaria aspectos ligados à condição de domesticidade, ao tamanho e ao potencial de comestibilidade do animal, por um lado, com o potencial sexual da mulher a ser autorizado ou não, por outro. Para tanto, a autora distingue três tipos de metaforização:

(1) A mulher em termos de animal doméstico e de pequeno porte, cujo potencial sexual não seria autorizado, e a relação sexual seria considerada espúria, a exemplo da mulher mapeada em termos de cadela.

(2) A mulher em termos de animal doméstico, cujo tamanho e o grau de domesticidade ao variarem provocariam variação quanto a ser o potencial sexual dessa mulher autorizado ou não, a exemplo da mulher mapeada em termos de vaca ou de franga, respectivamente.

(3) A mulher em termos de animal selvagem, cujo potencial sexual seria obscuro, a exemplo da mulher mapeada em termos de loba.

Em suma, segundo Rodriguez (2009), o caráter negativo das conceptualizações de mulher em termos de animal nessas comunidades de fala seria motivado por crenças e valores de determinado grupo de indivíduos, representado pelo macho branco e heterossexual, que, ao se constituir em cânone social, estabeleceria determinados

grupos de indivíduos, a exemplo das mulheres, como marginais. Em outras palavras, Rodriguez (2009) considera que as metáforas PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS seriam recursos cognitivos que projetariam conceitos depreciativos a respeito das mulheres e demais grupos de indivíduos, como os dos imigrantes, que contrariam a ordem canônica representada por grupo de indivíduo representado pelo macho branco heterossexual. Tal projeção licenciaria os significados das expressões em termos de animais relativas à mulher.

Outros dados que aqui discutimos são oriundos de nossa pesquisa de doutorado⁷ na qual investigamos as motivações de ordem sociocultural na conceptualização de cabra em termos de homem com base na convencionalização dos significados da expressão *cabra*, usada, sobretudo, no Nordeste do Brasil, para se referir a homem.

Com base nesses dados, concluímos que o conceito de cabra, que licenciaria os significados polissêmicos da expressão correlata, se encontraria, inicialmente, relacionado com dois tipos de entendimentos acerca do animal em questão, compartilhados por membros da comunidade nordestina. O primeiro desses entendimentos tem como base a afirmação de Cascudo (2009) de que o leite de cabra teria importância fundamental na alimentação das crianças, sobretudo sertanejas. Seria de tal ordem essa importância que se alcunhou o dito animal de *comadre cabra*.

Além disso, Cascudo (2009) nos informa que ao ser trazida para América pelos europeus, a cabra, por ter alimentação rústica e quase não beber água, facilmente se aclimatou no Brasil, especialmente na região do Nordeste. O autor registra ainda que sua carne assada ainda figuraria nos cardápios mais populares do país

O segundo entendimento teria, igualmente, como base os estudos de Cascudo (2009), de acordo com os quais encontramos menção aos seguintes aspectos místicos envolvendo a cabra: para além da visão pouco amigável que esse animal gozaria na tradição judaico-cristã, haveria uma crença, no âmbito da cultura popular, de que tanto a cabra como o bode sumiriam durante algumas horas do dia para ir ter com o *coisa ruim*. (CASCUDO, 2009, p.62)

Além disso, Cascudo (2009) nos faz saber que haveria uma terceira crença. Acreditava-se igualmente, por exemplo, que quando um menino se apresentava “demasiado vivo, arteiro, endiabrado”, a causa de tal comportamento era o fato dele ter tomado leite de cabra.

Em suma, para tal comunidade, a cabra não apenas garantiria a alimentação do corpo das crianças como de sua alma também. Nessa perspectiva, observamos que o primeiro entendimento diz respeito à visão de que a cabra transmitiria a alguns que de seu leite bebesse, a sua principal característica em termos de animal: o instinto. Ou seja, alguns meninos, que bebiam de seu leite, perdiam a principal característica que lhes constituíam como seres humanos, a racionalidade. Além disso, a característica instintiva

⁷ CAVALCANTI, Fernanda C. *A análise da expressão convencional cabra sob a perspectiva da teoria dos modelos cognitivos idealizados*. 2014. 246p. Tese. (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

atribuída de forma negativa a qualquer animal, de acordo com modelos culturais como de A Grande Cadeia do Ser, se encontra aí associada à outra característica que distingue a cabra dos demais animais, aos olhos da comunidade nordestina, a sua diabolicidade.

Assim, consideramos que os membros da comunidade nordestina conceptualizam o animal cabra para além de um animal *per se*, isto é, de maneira polissêmica. De um lado, compreendem tal animal, dotado de características essencialmente instintivas, e como benfazejo, já que desempenha papel socioeconômico importante. Por outro lado, compreendem tal animal como malfazejo, já que transmitiria características desaprovadas socialmente a alguns meninos que de seu leite bebiam. Ou seja, conceptualizam a cabra como um animal dotado de atributos instintivos que: ora, seria dotado de atributos importantes para essa comunidade devido a sua carne⁸, a seu couro e, sobretudo, a seu leite; ora, seria dotado de características misteriosas e diabólicas.

No que diz respeito à estruturação dos demais aspectos de natureza metafórica que estruturam o conceito de cabra em termos de homem, tanto Gilberto Freyre (2004) como o próprio Cascudo (2009) afirmam que um homem é chamado, no Nordeste do Brasil, de cabra em função, fundamentalmente, de sua origem rural e de seu caráter mestiço. Para Freyre (2004), tais características apresentam valor positivo. Isso porque, ainda para o mesmo autor, teria sido um homem com essas características que se teria constituído como um dos primeiros representantes da civilização brasileira e como tal teria ajudado ao desenvolvimento sociocultural do país, especialmente a região nordestina.

No entanto, para Cascudo (2009), tais características, sobretudo - o seu caráter mestiço - seriam mapeadas de forma negativa, já que tal homem é considerado, de acordo com o folclore brasileiro, como pouco confiável e até mesmo amaldiçoado.

Temos, assim, características divergentes que estruturam o conceito de cabra e, por conseguinte, o caráter polissêmico da expressão correlata. Ou seja, a nosso ver, o conceito cabra é estruturado igualmente por uma metáfora animal motivada por entendimentos em relação ao caráter social e místico atribuídos à cabra, de um lado, e da origem rural, mestiça e socialmente modesta de homem, de outro lado. Dessa forma, a metáfora animal cabra em termos de homem estruturaria a polissemia da expressão correlata na qual esse homem é categorizado, de um lado, como um homem viril, valente e “escovado”⁹, e, de outro lado, como um homem rude, mestiço, pouco confiável e até mesmo violento.

⁸ Câmara Cascudo (2012, p. 90) nos informa, com base em Bouché-le-Clerc, da existência de uma estela à porta de um templo romano advertindo aos que queriam nele adentrar, que deveriam estar em condição de pureza, isto é, teriam evitado o consumo de certos alimentos como, as lentilhas, ‘a carne de cabra’ e o queijo, durante determinado número de dias.

⁹ Freyre (2004, p.172), em certa passagem, descreve o cabra como: “[...]o herói de um grande número de histórias de coragem e de aventuras de amor. É o ‘cabra danado’. O ‘cabra escovado’. O cabra bom. O cabra de confiança. A ele a imaginação do povo atribui uma potência sexual extraordinária a que não faltariam vantagens físicas também excepcionais.”

Em suma, embora tenhamos verificado uma tensão polissêmica na conceptualização de cabra em termos de homem, concluímos que, devido à mudança de gênero da expressão em questão, tal conceptualização teria pendor negativo. Para tal conclusão, nos apoiamos em dados levantados em uma segunda pesquisa¹⁰ na qual investigamos as motivações de ordem cognitiva e histórico-cultural envolvendo a ambiguidade de gênero da expressão convencional ‘cabra’, usada tanto para se referir ao animal de gênero feminino como para se referir a homem, sobretudo, no Nordeste do Brasil.

De acordo com essa pesquisa, verificamos que a mudança do gênero contemplada pela expressão convencional ‘cabra’, isto é, o fato de homem não ser conceptualizado como bode e sim como cabra, não estaria relacionado a questões etimológicas. Estaria, efetivamente, relacionado com as motivações oriundas dos situamentos corpóreos e socioculturais dos membros da região do Nordeste do Brasil, especialmente com fato de esse homem ser filho de mulato e de negra, isto é, um híbrido de etnias sobre as quais pesam enormes preconceitos.

Nesses termos, de acordo com Goatly (2007), homens que não apresentam padrão caucasiano seriam compreendidos como animais. No entanto, no caso da mudança de gênero contemplada pela conceptualização de cabra em termos de homem, observa-se um aspecto a mais: ele é compreendido como um tipo invertido, um animal híbrido que não se coaduna com a visão clássica da divisão de gêneros. Diante dessa segunda conclusão, consideramos que a metáfora animal que licencia os significados da expressão convencional ‘cabra’ mapearia, sobretudo, características de pendor negativo. O que nos leva ainda a concluir plausível a presença de modelos culturais como de A Grande Cadeia do Ser em comunidades como a nordestina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o trabalho que desenvolvemos aqui, verificamos que há sociedades humanas cujos animais são conceptualizados como ancestrais diretos dos seres humanos e há sociedades humanas cujos animais são conceptualizados como pertencentes a outras linhas de descendência consideradas inferiores a do ser humano. Assim, consideramos que haja evidência de que diferentes modelos culturais estruturam categorizações diferentes em termos da relação entre ser humano e os animais; e que tais categorizações se relacionam de forma importante com a maneira pela qual o léxico será por nós organizado e usado.

Além disso, os estudos voltados para itens polissêmicos, a exemplo da expressão convencional ‘cabra’, à luz dos postulados da Teoria da Metáfora Conceptual, mostram que o caráter arbitrário da relação entre significado e forma se encontraria mais distante do léxico mental do que se poderia imaginar. Nesses termos, o que poderia ser

¹⁰ CAVALCANTI, Fernanda C. *O gênero segundo a expressão convencionalcabra*. 2018. 21p. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

efetivamente arbitrário seria a sequência fonológica de *cabra*, por exemplo, e não o fato de essa sequência apontar para as relações conceituais acima discutidas. Assim, vislumbramos que uma visada arbitrária sobre a natureza dessa relação pode ser considerada bastante inconsistente, ao contrário da relação de caráter de *continuum* entre Pragmática e Semântica e uma visada *perspectivista* do significado.

Nesses termos, consideramos relevante examinarmos as correspondências entre pensamento, linguagem e cultura na abordagem e compreensão da natureza do pareamento entre forma e significado, a exemplo de *cabra* em termos de homem ou de animal em termos de mulher,

Necessário ainda salientar que, mesmo que julgemos importante a investigação dos processos psicológicos envolvidos na motivação e estruturação da polissemia no léxico, estimamos que, com este trabalho, contribuímos, ainda que modestamente, para a discussão da relação entre léxico, cultura e metáfora.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís Câmara. *Coisas que o povo diz*. 2. ed. São Paulo: Globo Editora, 2009. 1. ed., 1968.

_____. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Globo Editora, 2012.

DURKHEIM, Émile. Sur le totémisme. *L'année sociologique*, 5ème année(1900-1901). Paris: Félix Alcan, Éditeur. 1902, p.82-121.

FREUD, Sigmund, *Totem e tabu*. 10ed corrigida. PortoAlegre: L&M Editores, 1913[2013].

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 7. ed. São Paulo: Global Editora, 1937[2004].

GOATLY, Andrew. *Washing the brain, metaphor and hidden ideology*. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

RODRIGUEZ, Irene Lopéz. Women, biches, chickens and vixens: animal metaphors for women in English and Spanish. *Revista de estudios culturales de la Universitat Jaume I*. v.VII. p.77-10, 2009.

SILVA, Augusto Soares da. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.